

O Estado de S. Paulo

8/5/2000

BOXE

Lino trabalha duro e esquece os sonhos

Violência de São Paulo assusta boxeador da seleção olímpica

HELENI FELIPPE

O meio-pesado Lino Barros afirma que não tem sonhos "porque eles nunca deram certo". O pugilista prefere acreditar no poder da "força de vontade" e no resultado do trabalho duro. É com muito treinamento que pretende deixar os Jogos de Sydney com um bom resultado, rumo a uma carreira profissional. Lino, de 24 anos, tem vaga assegurada na equipe brasileira, ao lado do meio-médio Kelson Carlos Santos.

Na sua vida sempre foi assim — para chegar ao boxe, um pouco tarde, aos 20 anos, precisou enfrentar a infância sem escola, como cortador de cana em Alto Alegre, interior de São Paulo. Entrou para o esporte por meio do caratê. "Eu tinha 16 anos e decidi que seria atleta; mas queria um esporte mais agressivo e fui para o boxe."

Foi ajudado pelo prefeito de Alto Alegre a fazer um contato com Osasco, onde começou a lutar há quatro anos. O pior, no começo, foi enfrentar o gigantismo de São Paulo. "Foi o maior aperto porque eu nasci em Bonito, Mato Grosso, mas cresci em Alto Alegre, cidade com 3 mil habitantes", disse. "Só conhecia São Paulo pela tevê e tinha medo da violência."

O boxeador, de 1,83 metro e 81 quilos, ficou quatro meses sem receber salário. Não conseguiu levar adiante o "bico" de porteiro de casa noturna, pois tinha medo da violência da noite. "Fui só umas duas vezes por que, ao invés de meter medo, eu tinha medo".

Desde sua primeira luta, em 1996, nos Jogos Abertos do Interior, Lino viu sua carreira decolar. Tem um cartel de 55 lutas, sete derrotas e a medalha de prata conquistada, no ano passado, nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg. Hoje, Lino tem a ajuda do programa Solidariedade Olímpica, do Comitê Olímpico Internacional (COI), e faz parte da seleção permanente de boxe, patrocinada pela Zip.Net, além de contar com o patrocínio pessoal da Udição.

Seus planos incluem, após a Olimpíada, a profissionalização, como Acelino Popó, um de seus ídolos, além do norte-americano Roy Jones Jr. e do companheiro Kelson Santos.

Superbonder — Lino lutou muito para conseguir a vaga no Pré-Olímpico de Tijuana, no México, em abril. Cortou o supercílio nas quartas-de-final, mas escondeu o ferimento colando-o com Superbonder e cobrindo-o com maquiagem. Com o disfarço, garantiu a vaga, mas não disputou a final.

Lino não fala muito sobre as suas chances na Olimpíada, mas, assim como Kelson, tem a confiança dos técnicos. "As maiores chances de bons resultados em Sydney são com Lino e Kelson", afirma o técnico Ulisses Pereira da Silva.

LUTADOR FECHOU O SUPERCÍLIO COM COLA

(Página E6 — ESPORTES)